



A EXPERIÊNCIA DE DUVIDAR DE TUDO: reflexões sobre a dúvida metódica de René Descartes

THE EXPERIENCE OF DOUBT EVERYTHING: reflections on the methodical doubt of Descartes

Edgard Vinícius Cacho Zanette
Doutor em Filosofia pela Unicamp
Professor Filosofia da UERR
edgardzanette1@gmail.com

Cecília Sarmiento
Licenciada em Filosofia pela UERR
cecilia_maias@hotmail.com

RESUMO: A filosofia de René Descartes (1596-1650) faz da dúvida cética um instrumento da verdade, mas como? Se Descartes não se considerava um cético, tal como os pirrônicos, porquê tamanha insistência em valer-se do desafio cético para superar um passado irrefletido? O filósofo do método, das ideias claras e distintas, matemático e defensor de uma ciência embasada em princípios sólidos, usou o ceticismo para refutar a dúvida pirrônica? Tendo em vista estas questões fundamentais à compreensão filosófica do pensamento cartesiano, neste artigo propomos apresentar o percurso cético de René Descartes, exposto em sua famosa dúvida metódica, tal qual esta aparece na primeira das *Meditações de Filosofia Primeira* (1641), obra capital do filósofo francês.

Palavras-chave: Descartes; Ceticismo; Metafísica; Ceticismo Pirrônico.

ABSTRACT: The philosophy of René Descartes (1596-1650) is the skeptical doubt an instrument of truth, but how? If Descartes did not consider himself a skeptic, as Pyrrhonians, why such insistence to avail himself of the skeptical challenge to overcome a past thoughtless? The philosopher of the method, the clear and distinct ideas, mathematician and advocate of a science grounded in sound principles, used to refute skepticism doubt Pyrrhonian? In view of these fundamental issues to the philosophical understanding of Cartesian thought, in this article we propose the skeptic path of René Descartes, exposed in his famous methodical doubt, just as it appears in



the first of the First Philosophy Meditations (1641), capital work of the philosopher French.

Keywords: Descartes; Skepticism; Metaphysics; Pyrrhonian Skepticism.

INTRODUÇÃO

Ao longo de sua vida, René Descartes refletiu sobre o que conheceu até então. Neste ínterim, o filósofo percebe que suas ideias e crenças estão cheias de dúvidas, e, portanto, são frágeis. Relata em sua obra *Meditações* (1641) que muitas de suas opiniões haviam sido adquiridas ainda quando criança e sem o menor cuidado com a verdade. Isso é normal para as crianças, pois não há maturidade suficiente para investigar e ou formular critérios de verdade. Mas a continuidade dessa inconstância, desse saber irrefletido, de um saber que não alcança dar conta das novas descobertas científicas e filosóficas emergentes na época, essa é uma limitação a ser superada.

Filósofo do método e da insatisfação. Insatisfação com a doutrina utilizada nos colégios em que estudou. Lembremos que os colégios eram tradicionais, transmitindo, em geral, a doutrina aristotélica-tomista, base do pensamento cristão. Descartes se incomodou com esta forma doutrinária de tratar o conhecimento, e nas *Meditações de Filosofia Primeira* empreende um método de refutação dos saberes irrefletidos, o que permite, em um segundo momento positivo, reconstruir o edifício do saber a partir da descoberta do *ego cogitans*, do *eu pensante*, na *Segunda Meditação*.

Descartes era matemático e um grande admirador desta ciência, pois, segundo o filósofo, a matemática não necessita de nada que a auxilie, ela é puramente um trabalho da razão. Além disso, a metodologia da matemática é rigorosa. E com base nesse conhecimento matemático o filósofo francês organiza a filosofia e a ciência utilizando a metáfora de uma árvore. A Metafísica, ciência dos princípios do ser e do conhecer, que fornece os fundamentos, seria a raiz. A Física, ciência da natureza, tratando dos corpos, da *res extensa*, seria o tronco. E as demais ciências seriam os ramos, entre os principais



teríamos a Medicina, a Mecânica e a Moral (Cf. AT, IX-2, p. 14-15; *Princípios*, 2007, p. 17)⁴.

René Descartes nasceu em La Haye, em Tourenne, em 31 de março de 1596. Era de família nobre, filho do conselheiro do parlamento de Bretanha. Foi um privilegiado quando a questão é formação acadêmica, pois estudou nas melhores escolas da Europa, que tiveram grande valia para sua vida. Se tornou um grande ícone da filosofia, é considerado o pai do pensamento moderno, é um dos mais importantes filósofos franceses e da cultura ocidental.

Segundo Bertrand Russel:

Descartes tem seus méritos para ser considerado o pai do pensamento moderno, em sua concepção é uma nomeação justa, pois foi o primeiro pensador de alta capacidade filosófica, no qual teve grande influência pela nova física e nova astronomia. (RUSSEL, 1977, p. 81)

Descartes era apaixonado pela matemática, pois, segundo ele, esta ciência é precisa e correta, e seus resultados são adquiridos através do trabalho da razão. E, portanto, sua inspiração era esta ciência, para alcançar a clareza e as verdades das coisas.

Seu curso era baseado na filosofia aristotélica, que na época era adotada no colégio que ele frequentou (*La Flèche*). A filosofia aristotélica era utilizada para o ensino, e o resultado, geralmente, era reformar ou comentar a interpretação clássica do teólogo e filósofo São Tomás de Aquino. Assim, diante da eminência desse grande líder da Escolástica, a educação que Descartes recebeu era baseada nessa cultura. Como se sabe, os ensinamentos escolásticos diziam que a ciência era subordinada à teologia, enquanto que Descartes visava pensar segundo a luz natural da razão.

⁴ Seguiremos a seguinte forma de citação das obras de Descartes: quando usarmos o modo standard, “AT”, consideraremos a edição Adam - Tannery, seguido do número do volume e das páginas correspondentes. Ao utilizarmos a edição de obras selecionadas de Descartes, organizada por André Bridoux, 1953, indicaremos com “O.L”, e quando for de uma edição traduzida, seguir-se-á o ano e a página correspondente. Em todas as citações de Descartes não mencionaremos, por economia, o nome do autor.



O marco desse período, isto é, por volta do primeiro quarto do século XVI, considerando a biografia intelectual do filósofo, foi sua nova forma de pensar, em vista desta insatisfação com a filosofia pregada na época. Descartes percebeu que era necessário a construção de um método para conduzir o espírito no caminho da verdade. Havia uma falta de liberdade em relação às novidades científicas, e Descartes, assim como muitos filósofos e cientistas desta época, procurou meios para poder dedicar-se com liberdade às suas pesquisas. Desse modo, Descartes percebeu a distância entre uma cultura a ser superada e as novas ciências e filosofias que surgiam com propostas inovadoras.

Alvo de grandes polêmicas e discussões é determinar se a construção de sua ciência veio da filosofia, ou se sua filosofia seria fruto de suas pesquisas científicas⁵. A filosofia, considerando os séculos XV e XVI, era motivo de muitas interrogações. É neste horizonte que o filósofo abandona os fundamentos da tradição escolástica e toma outro rumo, o de uma nova racionalidade.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO CARTESIANO

Nessa busca de conhecimento preciso e correto o filósofo constrói um método, este que fez com que Descartes duvidasse de tudo, como diz Bertrand Russel:

Afim de ter uma base firme para a sua filosofia, resolve duvidar de tudo o que lhe seja possível duvidar. Como prevê que o processo possa levar algum tempo, decide, entretantes, regular sua conduta segundo as normas comumente admitidas; isto permitirá à sua mente sentir-se embaraçada das possíveis consequências de suas dúvidas em relação com a prática. (RUSSEL,1977, p. 87)

Com a construção do método, Descartes formula algumas regras para que qualquer um que busque um conhecimento verdadeiro possa alcançá-lo a partir de sua própria razão. Na concepção de Reale, o método de Descartes “é um estilo fácil e não pedante, dirigido, mais que a alunos, a todos os homens inteligentes do mundo”

5 Cf. GAUKROGER, 1999; GILSON, 1930; RODIS-LEWIS, 1996.



(REALE, 1990, p. 348). O Filósofo dividiu seu método em quatro regras, eis uma a uma, conforme vemos abaixo:

O primeiro era o de nunca aceitar algo como verdadeiro que eu não conhecesse claramente como tal; isto é, evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção; e de compreender em meus julgamentos só o que se apresentasse tão claramente e tão distintamente a meu espírito que eu não tivesse a menor dúvida (O.L.1953, p. 137).

A segunda, de dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse, em tantas parcelas que se poderia fazê-lo e que seria requerido para melhor as resolver (O.L.1953, p. 138).

A terceira, de conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos os mais simples e os mais fáceis a conhecer, para subir, pouco a pouco, como por graus, até o conhecimento dos mais compostos; e supondo ordem mesmo entre aqueles que não se precedem naturalmente uns dos outros (O.L.1953, p. 138).

E a última, de fazer por tudo enumerações tão completas, e revisões tão gerias, que eu estava certo de nada omitir (O.L.1953, p. 138).

Estas regras foram formuladas por Descartes visando o não engano, ou, ao menos, para que se diminuam as possibilidades de equívoco. De acordo com a primeira regra do método, a da evidência, Descartes nos diz que devemos evitar a precipitação e utilizar a prevenção. Sendo assim, devemos adquirir como verdade apenas o que se apresentar clara e distintamente a nossa razão. De acordo com Reale (1990, p. 359) falar de ideias claras e distintas é o mesmo que falar de ideias evidentes, ou seja, estas denominações são dadas por Descartes para as ideias simples, que são na sua concepção as mais importantes, porque estas têm maior possibilidade de verdade que as ideias compostas. Assim como em matemática, quanto mais simples, mais fácil organizar e compreender as cadeias dedutivas.

A segunda regra expõe a necessidade de divisão das dificuldades em quantas partes fossem preciso. Como foi citado acima, é esta regra que vai iluminar a evidência, pois as dificuldades, sendo separadas e dispostas segundo um método preciso, que isole as dificuldades, caso a caso, propicia que a compreensão das partes se mostre mais clara e distinta. Sobre a segunda regra, nos diz Reale que:



É a defesa do método analítico, único que pode levar a evidência, porque desarticulando o complexo do simples, permite a luz do intelecto dissipar as ambiguidades. Esse momento preparatório essencial, já que se a evidência é necessária para a certeza e a intuição é necessária para a evidência, já que para a intuição é necessária a simplicidade, que se alcança através da decomposição do conjunto “em partes elementares até o limite do possível. (REALE, 1990, p. 360).

A terceira regra do método remete à condução dos pensamentos, iniciando do mais simples ao mais complexo. Como podemos observar, o método cartesiano tem o encadeamento organizado, esta terceira regra é o resultado das duas regras acima citadas.

A quarta e última regra é a da enumeração. Descartes aponta a necessidade de enumeração das ideias para que se façam revisões. A enumeração e a revisão são importantes, pois é neste momento que podemos observar se resta alguma dúvida, para poder assim finalizar a conclusão. O método cartesiano é ordenado, e Descartes tenta criar uma cadeia de raciocínios que sejam construídos a partir de ideias simples para alcançar as compostas.

Este método formulado por Descartes parece algo bem prático e óbvio. No entanto, é na aparente simplicidade de sua obra filosófica e científica, inspirada na matemática, o que faz a obra cartesiana ser, em geral, mal compreendida. Segundo César Battisti: “Descartes busca inspiração na matemática, sem a intenção de imitá-la, pois para ele esta é a forma autêntica de conhecer através da racionalidade, o conhecimento matemático é puro e simples, e seu encadeamento é rigoroso”. (BATTISTI, 2015, p. 18). Os passos para seu método são simples, mas que, segundo o filósofo, pode ser o caminho para o conhecimento da verdade. Nas palavras de Gueroult:

O método não é, pois, outra coisa que a recolocação de alguns procedimentos simples, graças aos quais poderá desenvolver-se ordenadamente, diante nossos olhos, conforme a indivisibilidade da verdade, o saber absolutamente certo, originalmente presente na unidade da *sapiência humana* [...] (GUEROULT, 2005, p. 16).



Mas o método de Descartes, se não é matemático, nos diz o filósofo que seria tal qual as regras da aritmética, na elucidação da verdade. Eis o que nos diz a pena do filósofo: “Pois, enfim, o método que ensina a seguir a verdadeira ordem, e de enumerar exatamente todas as circunstâncias disto que se busca, contém tudo isto que dá a certeza às regras da aritmética” (O.L.1953, p. 139). Podemos pensar, conforme o exposto, que a matemática é um horizonte inspirador, enquanto que o método e a ordem, é o núcleo ou o centro das preocupações sistêmicas de Descartes. Neste contexto, o intuito do filósofo é que a razão seja guiada para que os frutos deste trabalho fossem corretos e indubitáveis. Pergunta-se, porém, efetivamente, e como poderia alcançar tal desejo?

DÚVIDA METÓDICA: DESCARTES E O CETICISMO

Em *Meditações*, Descartes diz que não poderia mais confiar em suas opiniões, pois havia percebido que tinha sido enganado muitas vezes ao se fiar em princípios mal feitos. Se desfazer de todas estas opiniões, iniciar novamente a jornada do conhecer, eis a luta contra um passado irrefletido. Em uma conturbada confusão intelectual, tal qual o filósofo nos retrata, sua cuidadosa investigação remete aos princípios, pois: “[...] a destruição dos alicerces provoca inevitavelmente o desmoronamento de todo o edifício” (DESCARTES, 2000, p. 250).

Se é cético ou não, eis um tema controverso. De todo modo, Descartes propõe duvidar de tudo. Como diz o filósofo, as ideias e opiniões adotadas não manifestavam um critério de verdade válido e foram adquiridas de forma espontânea ao longo de uma vida. Estas ideias, em geral, consideradas como hábitos, foram imbuídas em nós, ou as criamos por nós mesmos, sem que nos preocupemos com sua legitimidade.

Então, Descartes quer duvidar de todas suas opiniões, mas sem investigar uma a uma, porque seria um trabalho imenso, sua busca pela verdade dedica-se aos princípios, pois toda ciência deveria ter alicerces fortes para se sustentar. A reconstrução da ciência depende da dúvida, mas a dúvida posta aqui não é a que comumente temos na vida



comum. Metódica, exagerada e hiperbólica, ela cada vez mais aumenta seu raio de ação, se tornando mais radical e universal. A dúvida de Descartes parte do natural ao metafísico, e sempre está em xeque o tão tradicional desafio cético em relação à possibilidade autêntica do conhecimento. Há um momento capital da *Primeira Meditação* em que o sujeito meditador suspende o juízo sobre as ideias que obtivera até o momento. Essa sua desconfiança quanto ao sensível é tamanha que ele chega a admitir que nem o céu e a terra possam ser verdadeiros. Nas palavras do filósofo:

(...) Pensarei que o céu, o ar, a terra, as cores, as figuras, os sons e todas as cores exteriores que vemos não passam de ilusões e fraudes, que ele utiliza para surpreender minha credulidade. Considerarei a mim mesmo totalmente desprovido de mãos, de olhos, de carne, de sangue, desprovido de quaisquer sentidos, mas dotado da falsa crença de possuir todas essas coisas. Permanecerei teimosamente apegado a esse pensamento; e se, por esse meio não está em meu poder chegar ao conhecimento de qualquer verdade, ao menos está ao meu alcance suspender meu juízo. (DESCARTES, 2000, p. 255)

Embora Reale (1990, p. 364) considere que a dúvida metodológica não pode ser considerada uma dúvida como a dos céticos, pois esta dúvida busca a verdade, por outro lado, suas razões de duvidar são sim céticas, ainda que organizadas de forma metódica e tendo como *télos* a descoberta de algo verdadeiro. Na filosofia cartesiana este é um momento necessário, pois é um momento de negação, mas também de reconstrução. Quando Descartes supõe que se exclua todo o conhecimento obtido, sua dúvida é provisória, necessária, mas depois, ao alcançar uma verdade ela, a dúvida, é extinta ou superada. Apesar de ser um pensamento inovador para a época, sua metodologia cética não era novidade. O objetivo de Descartes, segundo Reale, era:

(...) Descartes quer sacudir as águas estagnadas da consciência tradicional, quer que se perceba o peso fecundo da dúvida, para que possa emergir algo de mais autêntico e seguro. E quem não realiza essa experiência não estará em condições de criar e ruminar uma cultura já digerida por outros. Como é possível fugir das tenazes da dúvida se não sabemos qual é a nossa natureza, quais os traços da nossa consciência, quais as exigências da lógica da razão? (REALE, 1990, p. 364).

De acordo com a citação acima, observa-se que o pensamento de Descartes se voltava a acabar com o comodismo intelectual de sua época, já que se tornara



monótono, visto que eram pensamentos feitos e seguidos por uma tradição filosófica dogmática.

ORIGEM DO CETICISMO

Para melhor compreendermos o papel da dúvida metódica de Descartes, voltemos às origens do ceticismo, ainda que de forma sucinta.

A dúvida como ferramenta para o questionamento do conhecimento surge ainda na Grécia Antiga, com os filósofos cétricos. Seus precursores foram Pirro de Elis (364-275 ac.) e Sexto Empírico. Em linhas gerais, seu objetivo é alcançar a felicidade através da *ataraxia*, ou seja, através da *tranquilidade do espírito*. Mas como chegar a essa tranquilidade?

O *ceticismo* ou *sképsis*, que significa *indagação, inquirição*, produziu uma crítica severa a qualquer conhecimento advindo de toda doutrina dogmática que fosse. A sua crítica, na verdade, era voltada contra todo dogmatismo, contra as opiniões com bases frágeis, sem buscar saber se a sua verdadeira condição é verdadeira ou falsa. Para os cétricos é difícil alcançar uma verdade, ou melhor, é impossível. Desta forma torna-se impossível crer e confiar em alguma coisa.

Sobre o ceticismo antigo, ele remete ao olhar cuidadoso, examinando atentamente todas as doutrinas. Desta forma pode-se dizer que o sujeito cético é aquele que tem cautela ao buscar e adotar o conhecimento para si. De acordo com Ferrater Mora “o fundamento da atitude cética é a cautela e a circunspeção” (Ferrater Mora 2004, Apud Moraes, 2013, p. 437).

Segundo o ceticismo, para alcançar a tranquilidade do espírito e, conseqüentemente, a felicidade, é necessário que refute toda ideia que houver, e a única forma de fazer isto é indagando. Segundo Zimmermann (1990, p. 13), para alguns filósofos que usaram o ceticismo, não é possível obter a tranquilidade da alma sem uma certeza, foi o que aconteceu no período medieval com alguns estudiosos, como



Agostinho de Hipona, que relatou em seu diálogo *Contra os acadêmicos*, que seria impossível a um homem ser feliz sem o conhecimento da verdade.

O ceticismo, em sua amplitude, não é uma escola, mas era, sobretudo, uma metodologia utilizada por algumas escolas da época. O ceticismo mais tradicional e mais famoso que se conhece é o da escola pirrônica. O *Ceticismo Pirrônico* utilizava a dúvida para conhecer verdadeiramente as coisas, mas se viam incapazes de tal fenômeno. Para os filósofos céticos a razão não era capaz de alcançar a verdade porque o raciocínio era limitado, por isso continuavam na dúvida.

Pirro de Elis foi o fundador da orientação cética na Grécia Antiga, não deixou nenhum escrito, suas ideias tornaram-se públicas principalmente através de Diógenes Laércio. Pirro inicia sua trajetória no ceticismo modificando a posição sofística que diferenciava o bem por natureza e o bem por convenção. Segundo Abbagnano, Pirro começa sua crítica dizendo que “não há coisas verdadeiras ou falsas, belas ou feias por natureza, tudo o que é julgado é por *convenção ou por costume*” (ABBAGNANO, 1969, p. 55). Como, para Pirro, o conhecimento humano não seria possível, o que o sujeito poderia realizar era a suspensão de qualquer juízo (*epoqué*) sobre sua natureza, ou seja, suspenderia qualquer crença ou ideia que tivesse, e não creia em mais nada, e, por conseguinte, não poderia afirmar nada. Para Abbagnano, a suspensão do juízo é uma forma de alcançar a tranquilidade do espírito, pois, deste modo, não há nenhuma perturbação ou paixão (ABBAGNANO, 1969, p. 53).

Outra escola importante é o *Ceticismo Acadêmico*, que fundamentava seu ceticismo em uma interpretação cética de Sócrates e de Platão. Segundo este olhar, não seria possível haver ciência no mundo sensível, pois quaisquer ideias científicas eram reduzidas apenas a opiniões prováveis. O fundador desta academia foi Arquiselau de Pitane, que também não deixou escritos. Suas ideias são pouco conhecidas.

Carnéades de Cirena foi o fundador da chamada *Nova Academia*, também não deixou escritos, mas sua doutrina foi recolhida pelos seus discípulos. Como nos diz Abbagnano “Carnéades considera que o saber é impossível e que nenhuma afirmação é



verdadeiramente indubitável” (ABBAGNANO, 1969, p. 56). Este filósofo tinha um critério para atingir a *ataraxia*, que é o seguinte:

Tal critério, porém, não é objectivo, isto é, não consiste na relação da representação com o seu objecto, com base na qual a própria representação poderia ser verdadeira ou falsa, mas subjectivo, isto é, inerente à relação da representação com quem a possui. É portanto um critério, não de verdade, mas de credibilidade. Se não se pode dizer qual seja a representação verdadeira, isto é, correspondente ao objecto, pode-se dizer qual é a representação que aparece como verdadeira ao sujeito. (ABBAGNANO, 1969, p. 57)

De acordo com a citação acima, Carnéades havia buscado para ele um critério, mas o seu critério não era o de verdade, pois, seguidor do ceticismo, não acreditava na existência da verdade, porém, havia algumas representações com mais credibilidade que outras. Para Carnéades as representações poderiam ser plausíveis ou persuasivas, de forma a serem um guia para a vida comum, limitando-se ao âmbito da máxima probabilidade.

Com a exclusão do ceticismo das escolas, alguns seguidores de Pirro buscaram retomar seus ensinamentos, formando uma orientação focada no seu mestre, o fundador do ceticismo. Os principais filósofos céticos foram Agrippa, Enesidemo e Sexto Empírico, que ficaram conhecidos como os últimos céticos. Cada um desses filósofos havia criado regras para atingir a suspensão do juízo. Observemos que não é o caso de explanarmos mais detalhadamente acerca deste assunto, pois não está no escopo de nossa pesquisa. De todo modo, muitas das informações que temos sobre o ceticismo antigo são extraídas das obras de Sexto Empírico. Estas obras de Sexto são muito importantes tanto pela parte histórica do ceticismo, como também pela sua doutrina.

Durante o período medieval o ceticismo ficou meio esquecido. Alguns filósofos religiosos utilizaram alguns argumentos céticos em suas obras, como Santo Agostinho, Tomás de Aquino, dentre outros. Mas, como se sabe, no período medieval a filosofia era muitas vezes utilizada para fundamentar racionalmente a religião, e neste período a dúvida cética foi discutida, mas desviada do seu sentido originário.



As obras de Sexto Empírico surgem novamente por volta dos séculos XV e XVI, e tiveram grande importância para os problemas surgidos na filosofia moderna. É o período em que o filósofo Descartes começa suas indagações, e seus projetos para sua ciência correta e indubitável.

INICIAÇÃO DE DESCARTES NO CÉTICISMO

Apesar de o próprio filósofo não se considerar cético, muitos cogitaram a ideia de que ele fosse sim, pois a semelhança de sua metodologia com a abordagem cética parece nítida. Suas indagações primeiras eram basicamente as mesmas, visto que Descartes parece reformular tal perspectiva sucintamente em uma única pergunta: o que poderia conhecer indubitavelmente? Esta pergunta que foi o princípio de toda a investigação levou Descartes a pôr de lado todo o conhecimento que havia obtido no decorrer de sua vida. Lembremos que durante o século XVI a doutrina aristotélica era aceita, porém já era um conhecimento desgastado, e o filósofo Descartes, assim como outros fizeram na época, questionou as lacunas deixadas pela filosofia aristotélico-escolástica. Na modernidade reaparecem as obras de Sexto Empírico, que acaba por influenciar alguns estudiosos, incluindo Descartes, que foi um dos destaques da época.

O filósofo buscava respostas, mas a tradição não lhe dava respostas satisfatórias, ou melhor, lhe dava mais indagações. E por esse motivo o filósofo começa uma nova investigação, e adota como sua ferramenta de busca para uma ciência indubitável e correta a *epoqué* e a dúvida. Mas quais eram os motivos que Descartes havia encontrado para utilizar este modo de investigação?

Pensamos que o método do ceticismo foi fonte de inspiração para Descartes, por conta da rigorosidade dos argumentos céticos para fundamentar sua própria filosofia, porém a intenção de Descartes era vencer e superar a própria dúvida cética (Cf. ZANETTE, 2012). Como os céticos pirrônicos, Descartes utilizaria a dúvida, mas com uma peculiaridade que faz seu objetivo diferente dos céticos, utilizaria a dúvida para alcançar a verdade. Nas palavras de Descartes:



Afinal, como não é suficiente, antes de dar início à reconstrução da casa onde residimos, demoli-las, ou munir-nos de materiais, e contratar arquitetos, ou habilitar-nos, na arquitetura, nem além disso, termos efetuado com esmero seu projeto, é preciso também havermos providenciado outra onde possamos nos acomodar confortavelmente ao longo do tempo, em que nela se trabalha. Da mesma maneira, para não hesitar em minhas ações, enquanto a razão me obrigasse a fazê-lo, em meus juízos, e afim de continuar a viver desde então de maneira mais feliz possível, concebi para mim mesmo uma moral provisória, que consistia apenas em três ou quatro máximas que eu quero vos anunciar. (DESCARTES, 2000, p. 53)

Conforme a citação acima, podemos dizer que sua filosofia contém traços do ceticismo antigo, em relação à suspensão do juízo, mas o intuito de Descartes era ultrapassar os cétricos. Não se sabe qual era a visão real dos cétricos no que se refere à metodologia cética cartesiana. Alguns filósofos o acusavam de ser ultradogmático, outros de ter criado uma nova espécie de ceticismo, mas Descartes não se considerava cético no sentido pleno da palavra (Cf. *Idem*). Sua metodologia é motivo de indagações até os dias de hoje, pois teria traços fortes do ceticismo tradicional. Sabe-se, ao que tudo indica, que Descartes teve contato com algumas filosofias cétricas como as de Montaigne e Charron.

Michel de Montaigne foi um grande filósofo que desenvolveu um ceticismo neo-pirrônico. Suas obras traziam um ceticismo original e com uma visão renascentista. Com a sua tese cética *que sei eu?* - o filósofo levou ao extremo a máxima socrática *Conhece-se a ti mesmo!*

É possível que Descartes teria buscado na filosofia de Montaigne fundamentos para sua filosofia, mas apenas para a utilização da dúvida no seu método. Porém, para Popkin, Descartes deveria superar a filosofia cética montaigniana, pois, para Montaigne “não seria possível alcançar a verdade através da razão, e a única saída seria a fé e a revelação divina para entendermos a nós mesmos” e “tudo o que vemos sem a lâmpada desta graça é apenas vaidade e loucura” (POPKIN 2000, apud ZANETTE, 2012, p. 9). Já na filosofia de Descartes vemos um resultado oposto, pois Descartes consegue distinguir o que é conhecimento e o que não é através da razão, e também não acredita que esse problema possa ser resolvido através da fé. Segundo Gouhier, “para Montaigne



a dúvida é um macio travesseiro, já para Descartes é uma imperfeição, que como tal, é insuportável” (GOUHIER 1999, apud ZANNETE, 2012, p 11).

O filósofo Descartes realizou muitos debates sobre a filosofia cética, logo após publicar as *Meditações*. Os debates eram realizados por meio de correspondência, que tinha como organizador o Padre Mersenne. Esses debates podem ser encontrados nas *Objecções e Respostas*, porém, apesar destes, ainda não se sabe, ou melhor, é difícil determinar a posição de Descartes, se é um cético ou um dogmático.

Após estas explanações introdutórias, passaremos a tratar os argumentos céticos que foram produzidos pelo filósofo Descartes como um ato de manter-se na dúvida que se propicia a descoberta de algo certo e indubitável.

OS ARGUMENTOS CÉTICOS DE DESCARTES

Após a conclusão de que tudo deveria ser posto em questão, Descartes formula três argumentos céticos que vão compor sua trajetória de investigação da verdade em *Meditações de Filosofia Primeira*. Estes argumentos o levaram ao extremo da dúvida, ou seja, a uma dúvida hiperbólica. O filósofo busca um conhecimento puro e verdadeiro. Para isso seria necessário descartar qualquer conhecimento que não se sustentasse. Na concepção de Battisti, para Descartes conhecer é:

[...] estabelecer relações fundamentais, de natureza cognitiva, entre coisas dentro de um certo domínio. Conhecer pressupõe relacionar, e relacionar pressupõe ordenar dentro do princípio de que o mais simples é anterior ao composto, e o complexo é composto por elementos simples. (BATTISTI, 2015, p. 121)

Esta colocação de Battisti está relacionada às regras que o filósofo produz para quem procura uma verdade absoluta, que, como já sabemos, é de suma importância na concepção cartesiana. Battisti também descreve a inspiração de Descartes em relação ao conhecimento matemático, que seria seu intuito construir sua ciência espelhada na matemática, nas suas palavras:



[...] ela mostra como se constitui uma ciência como “conhecimento certo e evidente”, como a mente deve se restringir, para conhecer, ao que pode ser “certo e indubitável”, graças ao fato de que toda ciência deve lidar antes de tudo com “objetos puros e simples” e com relações ou deduções estabelecidas entre eles de modo racional, isto é, de forma transparente à razão. (BATTISTI, 2015, p. 121).

A razão, como podemos observar, é a peça chave na filosofia de Descartes, e a matemática é o espelho ideal, pois se utiliza de elementos simples e puros, e desprovida de qualquer outra fonte de conhecimento, apenas a razão é necessária. Para Descartes, sua filosofia deveria seguir esse mesmo caminho, pois, segundo Cesar Battisti, a matemática é a melhor expressão da atuação da razão (2015, p. 121).

Continuando sua investigação, Descartes inicialmente se preocupa com os princípios. Essa investigação utilizaria a dúvida de forma geral e imparcial quanto a todo o conhecimento da razão. Esses conhecimentos eram, para Descartes, de extrema importância, pois seria o alicerce de sua ciência. Portanto, eles deveriam ser seguros e corretos, pois, como já sabemos, o método de Descartes é rigoroso, e convicto de que a verdade é uma só e pode ser alcançada através do intelecto.

A investigação da razão leva o sujeito ao avanço da dúvida exagerada e universal, e conseqüentemente vai isolando o sujeito meditador do mundo externo. Ao longo de sua investigação, o mundo externo é suspenso temporariamente, e, sem o acesso ao mundo externo “o sujeito vivenciará, compreenderá e experimentará tão somente no mundo os aspectos do seu próprio mundo interior” (Cf. ZANETTE, 2011, p. 53), e isto fará com que o filósofo realize uma avaliação da validade e universalidade da razão. Essa investigação é minuciosa e objetiva as ideias evidentes, conforme podemos pensar:

[...] Essa exigência cartesiana de uma investigação em primeira pessoa, de que nessa inquirição de si mesmo não haja outro que senão seus próprios pensamentos, será marcada pelo sistemático isolamento do sujeito, que, ao suspender os juízos acerca de sua própria sensibilidade, consulta tão somente sua inteligência. (ZANETTE, 2011, p. 44).



Podemos observar que Descartes trabalharia apenas a razão em sua reflexão crítica sobre a verdade. A dúvida metódica não tem limites, e o sujeito seguirá as suas regras e deverá superar todos os seus argumentos céticos, isto ao estar de acordo com as observações de cada mandamento dos argumentos. Para o filósofo qualquer pessoa pode alcançar a verdade, pois todos temos o poder de raciocinar, de modo igual, assim nos diz Descartes em um trecho do *Discurso do método*:

Inexiste no mundo coisa mais bem distribuída que o bom senso, visto que cada indivíduo acredita ser tão bem provido dele que mesmo os mais difíceis de satisfazer em qualquer outro aspecto não costumam desejar possuí-lo mais do que já possuem. E é improvável que todos se enganem a esse respeito; mas isso é uma prova antes de poder de julgar de forma correta e discernir entre o verdadeiro e o falso, que *justamente denominado bom senso ou razão, é igual a todos os homens*. (DESCARTES, 2000, p. 35 - grifo nosso).

Estes argumentos céticos são as possíveis fontes que nos levariam ao conhecimento, e, para Descartes, os possíveis fatores que podem nos levar ao engano devem ser superados. São eles: O argumento do erro dos sentidos, o argumento dos sonhos, e o argumento do gênio maligno.

ARGUMENTO DO ERRO DOS SENTIDOS

Este é o primeiro passo da dúvida na filosofia cartesiana. O sujeito meditador relata que durante sua trajetória de vida e busca de conhecimento, tudo o que considerava como certo havia aprendido através dos sentidos, ou por intermédio deles, e estas opiniões que Descartes relata eram a base de seu conhecimento. Segundo Enéias Forlin:

[...] Não se tratava, pois, de opiniões mediadas por outras opiniões, mas daquelas mais primitivas e genéricas, formadas diretamente a partir de nossa observação das coisas dadas a percepção sensível. É por isso que eram consideradas 'princípios'. Elas consistiam, mais especificamente falando, naquelas crenças genéricas que temos na existência de uma realidade sensível de corpos materiais, da qual fazem parte os nossos próprios corpos, com



várias outras formas de corpos; e daí também, na crença de que temos um acesso imediato a essa realidade, da qual fazemos parte, porém de nossos Sentidos; por fim e, em consequência, que conhecemos essa realidade tal qual ela é. (FORLIN, 2005, p. 50).

No comentário acima podemos observar que havia uma credulidade de que o sujeito poderia acessar imediatamente a realidade, mas os conhecimentos adquiridos pelos sentidos eram muito superficiais e por isso não poderiam ser relevados a ponto de lhes confiarem o embasamento de sua ciência. O saber deve provar sua validade, sob o crivo rigoroso dos argumentos céticos.

No início da *Primeira Meditação*, Descartes relata as opiniões que dera crédito e que não eram confiáveis por serem formuladas em princípios mal feitos. Segundo Enéias Forlin, “o ataque do Sujeito Meditador aos sentidos se dá porque seus fundamentos seriam realizados em cima de abstrações sensíveis” (2005, p. 50). Forlin explica também a qual conhecimentos, segundo Descartes, vindos dos sentidos, que não poderíamos confiar, vejamos:

(...) não vamos duvidar das opiniões em si mesmos, mas na sua referência aos sentidos. Não, é claro, aos sentidos em si mesmos, mas aos sentidos na medida em que nos apresentam as coisas sobre as quais formamos nossas opiniões”. (FORLIN, 2005, p. 51).

Talvez, em um primeiro momento, a descrença do sujeito meditador nos sentidos não era total, seria apenas quanto às abstrações sensíveis que levariam o sujeito a crer em uma opinião. Porém, após ter percebido que os sentidos nos enganam às vezes, seria importante que se tivesse um cuidado com o que se conhecesse por meio deles. O filósofo aconselha que o melhor a ser feito fosse acostumar o seu espírito a conhecer sem o uso dos sentidos.

O ataque de Descartes ao conhecimento advindo dos sentidos, além da causa da possibilidade de equívocos, também é uma crítica à filosofia aristotélica, que pregava a experiência dos sentidos como correspondência direta ao objeto. Aristóteles pensava



que não há nada que esteja no intelecto que antes não tenha passado pelos sentidos. Descartes não concorda com essa ideia de Aristóteles, pois como poderia construir seu saber em bases tão frágeis, fáceis de refutações. Vemos que na filosofia cartesiana não há tal forma de pensar a passagem do sensível ao inteligível. Descartes pretende colocar as coisas em ordem, organizando o âmbito do material (*res extensa*) e o distinguindo do âmbito mental (*res cogitans*).

Os sentidos, conforme Descartes nos mostra, podem levar a juízos equivocados, nos conduzindo ao erro. Mas este erro pontual é suficiente para prová-los duvidosos sempre? Segundo a dúvida radical, para Descartes o melhor a se fazer, neste momento, seria acostumar o espírito a não utilizar mais os sentidos.

Quando o filósofo expõe sua posição de desacreditar a validade dos sentidos, alguns outros pensadores discordaram desta ideia. Estes críticos acreditam que não seria possível a razão sozinha ir muito longe, e que era necessário que os sentidos estivessem juntos, pois os sentidos são o primeiro contato, e também o último, ou seja, a confirmação do raciocínio. John Cottingham cita em seu dicionário um trecho das *Sextas Objeções*, onde o argumento do erro dos sentidos é questionado:

Como pode o intelecto gozar de certeza, senão tendo-a anteriormente extraído dos sentidos, quando estes funcionavam bem? Com a refração, uma vareta, que na realidade é reta, afigura-se torta na água. O que corrige o erro? O intelecto? Absolutamente não; é o sentido do tato (SEXTAS OBJEÇÕES, apud COTTINGHAM, 1943, p. 79).

Após esta resposta ao seu argumento cético, Descartes diz na *Sextas Objeções* também que não seria possível apenas o sentido do tato corrigir um erro visual. Apesar desse seu ataque aos conhecimentos vindos dos sentidos, o intuito de Descartes não é precisamente este, o de refutar os conhecimentos vindos dos sentidos. Na concepção de John Cottingham, segundo a teoria cartesiana sobre os sentidos, ele nos diz que os sentidos são necessários para a saúde e a sobrevivência do corpo.



Ao que percebemos em alguns trechos de *Meditações*, podemos nos equivocar em relação ao que Descartes pensa sobre os sentidos. Sua preocupação não é a de excluir por completo as abstrações dos sentidos, mas por eles nos enganarem às vezes o melhor a ser feito é não considerar como verdadeiras as informações que eles nos apresentam.

Descartes pôs de lado todo conhecimento vindo dos sentidos, apesar de saber que apenas algumas vezes não podemos confiar neles, como o próprio filósofo diz:

Porém, se bem que os sentidos as vezes nos enganam, no que diz respeito às coisas pouco sensíveis e muito distantes, encontramos talvez muitas outras, das quais não se pode sensatamente duvidar, apesar de as conhecermos por meio deles: por exemplo, que eu me encontre aqui, sentado perto do fogo, trajando um robe, tendo este papel nas mãos e outras coisas deste tipo. E como eu poderia negar que estas mãos e este corpo sejam meus? (DESCARTES, 2000, p. 250)

Como vimos, Descartes tinha consciência de que nem todo conhecimento vindo dos sentidos eram errôneos. Existem coisas que são óbvias e que são impossíveis de se duvidar. Porém, apesar de seu relato, o filósofo prefere realizar a continuidade da dúvida, pois seu método era muito rigoroso, e não poderia deixar nenhuma lacuna.

Após a exposição de sua ideia sobre o conhecimento vindo dos sentidos, o sujeito meditador diz que só estaria enganado se fosse um insano:

“(...) exceto, talvez, que eu me compare a esses dementes, cujo o cérebro está de tal maneira perturbado e ofuscado pelos negros vapores da bile que amiúde garantem que são reis, enquanto são bastante pobres; que estão trajando ouro e púrpura, enquanto estão totalmente nus; (...)” (DESCARTES, 2000, p. 250)

Sua intenção é mostrar que há coisas que são impossíveis de se duvidar, pois são óbvias, e que apenas se fosse um insano poderia não crer no que estava ao contato dos seus sentidos. Esse argumento é chamado por alguns de “argumento da loucura”, em que Descartes exclui a possibilidade de questionar de forma cética estas teses que



promoveriam a dúvida ao estatuto de colocar a própria razão em xeque. De todo modo, sem polemizarmos sobre esse argumento, sigamos ao argumento dos sonhos.

ARGUMENTO DO SONHO

Dando continuidade à sua reflexão, Descartes relata que como qualquer homem também tem o hábito de sonhar, e por vezes pensou em algumas situações estar acordado enquanto estava no mais profundo sono, e em alguns sonhos as situações pareciam reais da vigília. Nestas constatações, aparece a questão: onde o Sujeito Meditador habitava? Nos sonhos ou no mundo material? A dificuldade do filósofo de distinguir a vigília do sono leva-o a desacreditar o mundo externo, diante desse impasse. E este é o motivo para o Sujeito Meditador produzir seu segundo argumento cético, a incerteza de não saber onde estaria. No caso, ao pensar que poderia estar sonhando e que tudo aquilo que havia pensado existir ou conhecer poderia não ter passado apenas de imaginação, Descartes dá origem ao argumento dos sonhos na sua metodologia.

Este é seu segundo argumento cético, seu principal ataque aqui é o problema da distinção entre realidade e imaginação, e aqui está relatada a dificuldade de se distinguir a vigília do sono. Como o próprio filósofo diz:

(...) Porém, meditando diligentemente sobre isso, recordo-me de haver sido muitas vezes enganado, quando dormia, por ilusões análogas. E, persistindo nesta meditação, percebo tão claramente que não existem quaisquer indícios categóricos, nem sinais bastante seguros por meio dos quais se possa fazer uma nítida distinção entre a vigília e o sono, que me sinto completamente assombrado: e meu assombro é tanto que quase me convence de que estou dormindo. (DESCARTES, 2000, p. 251).

Neste argumento volta um pouco para a questão do conhecimento provindo dos sentidos, pois se o sujeito reconhece algo em seu sonho é porque conheceu na realidade, e como Descartes já havia relatado em seu primeiro argumento cético, suas primeiras considerações haviam sido mal formuladas, pois eram frutos das abstrações sensíveis. Os sentidos eram para o Sujeito Meditador a ferramenta para conhecer a realidade. Neste argumento o problema da incerteza se torna ainda maior do que no primeiro



argumento cético, pois naquele o erro dos sentidos se dá em algumas situações, já neste segundo a incerteza é muito maior, pois nem as coisas mais óbvias experimentadas podem ser consideradas verdadeiras.

A distinção da vigília e do sono é uma questão que já havia sido argumentada por alguns filósofos, antes e depois do segundo argumento cético de Descartes. Segundo Zimmerman:

A possibilidade de alguém estar sonhando numa situação dessas pode parecer muito improvável para alguns filósofos. Aristóteles, por exemplo, afirma que ninguém que se encontre na Líbia e sonhe estar em Atenas se põe a caminho de Odeon. Russel também não leva a sério esta hipótese: “nos sonhos, podemos ser presente um complexo mundo, sem embargos concluímos quando acordamos que foi tudo ilusão, isto é, concluímos que os dados dos sentidos nos sonhos não parece ter correspondência com o objeto físico que inferimos naturalmente (ZIMMERMAN, 2005, p. 29).

No argumento dos sonhos podemos dizer que o sujeito vive em dois mundos: o mundo externo (real) e o mundo dos sonhos (imaginário). Segundo Descartes (2000, p. 251): “[...] as coisas que são representadas durante o sono são como quadros e pinturas, que só podem ser formados à semelhança de alguma coisa real e verdadeira [...]”. Na sequência, ao pensar que os seus membros e seu próprio corpo não são totalmente imaginários, e que mesmo os pintores tentando criar algo inédito, ainda assim é praticamente impossível, pois sempre haverá algo que vai ser parecido com uma alguma coisa real, como composição de elementos mais simples como a cor. Descartes quer nos dizer que a criação de algo totalmente novo sempre vai partir do que já conhecemos, pois para criar o novo seria preciso uma criatividade imensa, mas sempre haverá algo semelhante ao já existente, como o filósofo diz: “com certeza ao menos as cores com que eles executam devem ser verdadeiras.” (DESCARTES, 2000, p. 251).

O grande problema deste argumento, como já foi dito, é a distinção da realidade e da ilusão, pois como poderia o Sujeito saber o que conhecia realmente, e o que era apenas um sonho? A autenticidade do conhecimento, segundo Descartes, só poderia lhe ser acessível se fosse confirmado onde o sujeito estaria de fato, ou seja, acordado,



dentro da realidade, ou dormindo, em um mundo como um sonho. Mas ele não consegue fazer essa distinção. O sujeito meditador, neste argumento, parte para uma dúvida mais intensificada, pois ele cogita a ideia de que qualquer conhecimento do mundo externo possa apenas ser fruto dos sonhos, e conseqüentemente uma falsa opinião. Por conta desta conclusão, Descartes relata as incertezas dos conhecimentos provenientes de ciências compostas, ou seja, das ciências como medicina, astronomia dentre outras, em que estaríamos nos remetendo a ciências compostas. Por sua vez, a matemática, geometria e outras afins, são ciências que envolvem coisas simples e gerais, sem se preocupar se existem na natureza ou não, estas sim podem ser consideradas confiáveis. Nas palavras de Descartes:

Portanto, quer eu esteja acordado, quer eu esteja dormindo, dois mais três formarão sempre o número cinco, e o quadrado jamais terá mais do que quatro lados; e não pode ser que verdades tão evidentes possam ser suspeitas de alguma falsidade ou dúvida. (DESCARTES, 2000, p. 253).

O filósofo acaba pondo, então, todo o conhecimento do mundo externo em suspenso, pois não poderia levar a dúvida ao não saber se estava dormindo ou acordado. Em resumo, no argumento dos sonhos podemos dizer que o sujeito suspendeu a existência do mundo externo, pois nada para ele parecia confiável, e o único conhecimento que parecia para ele certo e indubitável era a matemática. A sua confiança no conhecimento matemático se dava por causa da sua independência diante do mundo, as suas evidências se dariam em qualquer parte, tanto no mundo externo como em qualquer outro lugar, pois é um conhecimento universal. Porém, como foi dito acima, a confiança no conhecimento matemático é provisório, e no seu próximo argumento poderemos ver que seu estado de dúvida alcança níveis muito mais extremos.

ARGUMENTO DO DEUS ENGANADOR /GÊNIO MALIGNO



Após a explanação quanto ao argumento do sonho, o sujeito meditador embarca em outra indagação. Com o desenvolvimento de sua meditação cogita a ideia de um deus, que ele acredita ser seu criador, e também muito poderoso. E por ser tão poderoso, poderia fazer com que pensasse existir muitas coisas, e, no entanto, essas coisas não existam ou suas características reais são diferentes do que se percebe. Conforme o parágrafo 9 de *Meditações* nos diz:

Contudo, faz muito tempo que conservo em meu espírito a opinião de que existe um Deus que tudo pode e por quem fui criado e produzido tal como sou. Mas quem me poderá garantir que esse deus não haja feito com que não exista terra alguma, céu algum, corpo extenso algum, figura alguma, grandeza alguma, lugar algum e que, apesar disso, eu possua os sentimentos de todas essas coisas e que tudo isso não me pareça existir de forma distinta daquela que eu vejo? (DESCARTES, 2000, p. 253).

Como podemos observar o deus poderoso que Descartes supõe existir, poderia pôr todo conhecimento humano a se perder, ou melhor, que a construção da ciência verdadeira poderia não acontecer. O deus tão poderoso quanto enganador afetaria a capacidade do meditador em seus raciocínios, e, como já sabemos, este era o único caminho, segundo Descartes, para se chegar à verdade absoluta. Seria possível que este deus, por ser tão poderoso, fizesse com que ele se enganasse até nas questões matemáticas? Eis a continuação do argumento, nas palavras do filósofo:

E também, como suponho que algumas vezes os outros se enganem, até mesmo nas coisas que eles julgam conhecer com maior certeza, pode suceder que deus tenha desejado que eu me equivoque todas as vezes em que realizo a adição de dois mais três, ou que enumere os lados de um quadrado, ou em que eu julgo alguma coisa ainda mais fácil, se é que se pode imaginar algo mais fácil que isso. (DESCARTES, 2000, p. 253)

Apesar desta suposição, este deus não poderia fazer isto, pois seu deus, como pensara até então, é um ser extremamente bom, e não o decepcionaria com tais questões. E por pensar desta forma, Descartes supõe a existência de um gênio maligno, que seria tão poderoso quanto o deus anterior, mas que não teria virtudes que o caracterizem como um deus, este gênio maligno sim é capaz de lhe induzir ao erro,



levando o sujeito a crer em ideias enganosas e extravagantes. Na concepção de John Cottingham o gênio maligno:

[...] é um elemento artificial introduzido para auxiliar o meditador a persistir na suspensão de suas confortáveis crenças habituais. No que tange a seu escopo, a trama do gênio não vem impugnar qualquer crença que já não tenha sido posta em dúvida por argumento prévios; em vez disso ela reforça meu empenho em concentrar-me nas dúvidas que já foram estabelecidas. (COTTHINGHAM, 1943, p. 72)

O que podemos compreender na interpretação de John Cottingham é que o argumento do gênio maligno vem com o intuito de fortalecer a suspensão do juízo, e mais ainda, este argumento sendo o maior estado de dúvida do meditador, acaba por colocar todo o mundo externo em questão, diferentemente do argumento dos sonhos, que suspende o conhecimento em relação às coisas que estão ao seu redor. Podemos observar que:

Nota-se que nos dois primeiros argumentos céticos realiza-se a passagem de um a outro campo de investigação a ser problematizado, pois a suspensão do juízo de cada argumento era sempre centrada em um conjunto de crenças, mas não era capaz de abarcar todo o conjunto de suas crenças. Com a dúvida hiperbólica valendo-se de razões metafísicas de duvidar, contrárias às antigas crenças naturais do condutor da dúvida, há um impasse epistemológico que apresenta a possibilidade do engano global ou total. (ZANETTE, 2012, p. 2).

A partir da citação acima as diferenças dos argumentos aparece mais claramente. Os primeiros argumentos céticos, tanto o erro dos sentidos como o argumento do sonho, põe a dúvida com certo limite, o primeiro seria acostumar o sujeito a não utilizar mais os sentidos, e o segundo relata a falta de certeza em saber se está sonhando ou acordado, e, por isso, suspende todo o conhecimento das coisas materiais a seu redor. O argumento do gênio maligno chega como um furacão, que avassala todo o conhecimento, pois tudo o que acreditava conhecer, ou nem mesmo conhecer, mas saber da existência, como já foi dito, seus sentidos, céu, terra e outras coisas levam o meditador a utilizar a dúvida de modo universal, fazendo-o crer que enquanto estivesse em poder deste gênio tudo fazer ao sujeito não seria possível conhecer nada. Neste



argumento a dúvida ultrapassa suas razões naturais, de forma que de duvidosas suas opiniões se tornariam falsas. Assim:

A dúvida, nesse nível, não é mais uma ameaça que lida com o provável, com o possível, mas se torna uma ameaça ao evidente e à certeza. Não há mais lugar para a probabilidade, que deixava, de alguma forma, espaço para a possibilidade da verdade. A dúvida metafísica é total, global, porque coloca, como nunca antes, a possibilidade do absoluto engano. (ZANETTE, 2012, p. 8)

O sujeito meditador deve tomar nova decisão em relação à dúvida, e escolhe por negar todo conhecimento que pensara ter obtido. É nesta etapa da dúvida que o sujeito testa e demonstra seu livre arbítrio, na escolha de aceitar a dúvida universal ou abandonar sua investigação, e esquecer da ciência certa e indubitável. Esta escolha faz com que a dúvida salte do plano natural para um plano metafísico.

Este gênio maligno seria o motivo de todo equívoco que acometeu Descartes em sua busca de conhecimento indubitável e imutável. O sujeito pensa não existir nada de verdadeiro no mundo, pois, para ele, tudo isso não passam de astúcias deste gênio maligno para fazer com que se enganasse sempre. Segundo o sujeito meditador, o mais correto a se fazer é suspender seu juízo, como o próprio nos diz:

Considerarei a mim mesmo totalmente desprovido de mãos, de olhos, de carne, de sangue, desprovido de quaisquer sentidos, mas dotado da falsa crença de possuir todas essas coisas. Permanecerei teimosamente apegado a esse pensamento; e se, por esse meio, não está em meu poder chegar ao conhecimento de qualquer verdade, ao menos está ao meu alcance suspender meu juízo. (DESCARTES, 2000, p. 255)

A suspensão do juízo é uma das peças chave de seu método, pois tudo o que não pudesse considerar verdadeiro, mesmo que acreditasse ser, como é o caso da matemática, pode ser colocado enquanto a dúvida pairasse. Após o seu terceiro argumento cético, o sujeito meditador não buscará outro, mas procura ter certa cautela para que o gênio maligno não o enganasse mais, até que encontre um novo alicerce, um novo apoio.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do artigo podemos observar a insatisfação de René Descartes com o que havia aprendido, e também com a falta de certeza com a realidade em que estava vivendo. O filósofo buscou um novo caminho para encontrar o que realmente era seu desejo: a construção de uma ciência verdadeira e indubitável. Para que se chegasse a essa ciência, seria necessário se abster dos prejuízos que lhe levaram a um caminho cheio de lacunas.

Foi assim que Descartes adotou a dúvida como ferramenta de conhecimento, em que todas as suas ideias deveriam passar pelo crivo da dúvida, sendo esta uma dúvida metódica, estabelecendo regras e procedimentos para o alcance do mais puro conhecimento.

Descartes foi chamado de cético por alguns, e dogmático para outros, mas o próprio filósofo não se considerava cético, pois a dúvida em seu método seria utilizada provisoriamente. No momento em que a verdade fosse alcançada o filósofo isolaria a dúvida e a deixaria para trás.

No decorrer de sua investigação, o sujeito meditador foi formulando argumentos que além de identificar supostos erros das fontes de conhecimento, também impulsionam o filósofo a manter-se na dúvida. O argumento do erro dos sentidos demonstra o porquê de tomar esta decisão, de permanecer na dúvida, pois foi é o primeiro e mais comum meio utilizado para conhecermos a realidade, o mundo ao nosso redor. Ao perceber que esse “conhecimento” vindo dos sentidos lhe enganara algumas vezes, percebeu que todos os anos que passou estudando, nas melhores escolas, não haviam lhe servido para o seu principal desejo, que era alcançar o conhecimento verdadeiro.

A base do conhecimento utilizado na sua época era a doutrina aristotélica, que pregava a prevalência do conhecimento obtido através dos sentidos, da experiência dos sentidos com os objetos. Para Descartes, apenas com os sentidos não seria possível chegar a uma verdade absoluta.



O argumento do sonho, que põe em questão o mundo real e também contribui para reforçar o argumento dos sentidos, ao relatar que tudo o que havia considerado como verdade, havia obtido através dos sentidos, e como nos sonhos ou no mundo da vigília, o sujeito meditador teria dificuldade de saber onde habitava, permaneceu em um impasse epistemológico e psicológico. O segundo argumento, sendo mais um passo para a radicalização da dúvida, incentiva o filósofo a manter-se na dúvida, e não mais voltar a seguir a doutrina que foi instruído a seguir.

O terceiro e último argumento, como vimos, é o do deus enganador, que, por sua vez, supõe um ser criador tão poderoso que poderia induzir ao engano. Mas como enganar não é uma virtude, e nem característica de um deus, Descartes supõe que exista não um deus, mas sim um gênio maligno, tão poderoso quanto um deus, e esse sim poderia lhe enganar, lhe fazendo pensar que conhecia muitas coisas e na verdade tudo era apenas uma ilusão. Este é o mais radical de todos os argumentos, dito metafísico, pois, o sujeito meditador não acredita que seja possível conhecer mais nada sem o consentimento do gênio maligno. Este argumento leva Descartes ao mais alto grau da dúvida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **História da filosofia**. Vol. 2. Lisboa. Editorial Presença. 1969.

_____. **Dicionário de filosofia**. Tradução: Alfredo Bosi. 2º edição. - São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BATTISTI, César. **Descartes da unidade originária da razão e seus desdobramentos**. Revista Diaphonía, Toledo- PR- Volume 1, Número 1, P. 116-137. 2015.

_____. **Meditando com Descartes: da dúvida ao fundamento**. Antologia de textos de filosofia. Curitiba- PR, SEED. 2009. 736 p.

COTTINGHAM, John. **Dicionário Descartes**. Tradução: Helena Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.



_____. A filosofia da mente de Descartes. Tradução: Jesus de Paula Assis. São Paulo. Fundação Editora da UNESP, 1997.

DESCARTES, R. **Discurso do método; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas**. 2. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 2000. (Coleção Os Pensadores).

_____. *Œuvres* (AT). Charles Adam et Paul Tannery (Org.). Paris: Vrin, 1973-8. 11 vol.

_____. *Œuvres et lettres* (O.L.). André Bridoux (Org.). Bélgica: Galimard, 1953.

FORLIN, Enéias, **A teoria cartesiana da verdade**. Editora Unijuí / Fapesp, 2005. (Coleção Filosofia; 14).

GAUKROGER, Stephen. *Descartes: uma biografia intelectual*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1999.

GILSON, E. *Études sur le rôle de la pensée médiévale dans la formation du système cartésien*. Paris: Vrin, 1930.

RODIS-LEWIS, Geneviève. *Descartes: uma biografia*. Tradução: Joana d'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Record, 1996.

_____. *Descartes e o racionalismo*. Tradução: Jorge de Oliveira Baptista. Porto: Rés Editora, 1979.

GUEROULT, Martial. **Descartes según el orden de las razones**. Venezuela: Editora Monte Ávila editores Latino americana, 2005.

KOYRÉ, Alexandre. **Considerações sobre Descartes**. 4. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

LANDIM, Raul. **Liberdade e / ou Necessidade. A concepção cartesiana da liberdade em questão**. Revista Índice. Rio de Janeiro- RJ, Vol. 03, N° 01- P. 27- 40. Outubro de 2010.

MAIA NETO, José R. *Panorama historiográfico do ceticismo renascentista*. In: *SKÉPSIS*. Ano 1, nº 1, p. 83-97, 2007.



MORAIS, Ricardo M. de Oliveira. **O caráter cético do pensamento cartesiano.** Pensar Revista eletrônica da FAJE, Vol. 5, N° 1, p. 39 a 54, 2014.

POPKIN, Richard H. *História do ceticismo de Erasmo a Spinoza.* Tradução: Danilo Marcondes de Souza Filho. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2000.

REALE, Giovanni. **História da filosofia: Do Humanismo a Kant.** São Paulo: Paulus, 1990. (Coleção Filosofia).

ROCHA, Menezes Ethel. **Observações sobre a dúvida cartesiana.** O que nos faz pensar N° 28. Observações sobre a dúvida cartesiana. Dezembro de 2010. Disponível em: <HTTP://www.anpof.com.br/ouquenosfazpensar>. Acesso em: 04 de abril de 2013.

RUSSEL, Bertrand. **História da filosofia Ocidental.** 3° Ed. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 1977.

ZANETTE, Edgard V. C. **A influência do ceticismo na filosofia de Descartes e a dúvida posta em questão.** Revista Reflexões, Fortaleza- Ce- Ano 1, N° 1, P. 71-87, julho a dezembro de 2012.

_____. **Ceticismo e subjetividade em Descartes.** 1. ed. - Curitiba, PR: CRV, 2015.

_____. **Revisitando o argumento da loucura: entre o cartesianismo de Descartes e o neopirronismo de Porchat.** Revista do seminário dos alunos do PPGLM/ UFRJ. Rio de Janeiro, N° 02, P. 1- 13, 2011.

_____. **Realidade ou ilusão: A hipótese do grande enganador na Meditação Primeira de Descartes.** Revista do seminário dos alunos do PPGLM/ UFRJ. Rio de Janeiro, N° 03, P. 1-13, 2012.

ZIMMERMANN, Flávio. **Ceticismo e certeza em Descartes.** 2005. 128 F. Dissertação para a conclusão de mestrado, Universidade de Santa Catarina, Florianópolis. 2005.